

Análise da conversação no Brasil: os desdobramentos de um campo de formação multidisciplinar

*Conversation analysis in
Brazil: the unfolding of a
multidisciplinary formation
field*

Elisiane Araújo dos Santos FRAZÃO (UFMA)
eafracao@bol.com.br
Veraluce da Silva LIMA (UFMA)
veraluce_ls@hotmail.com.br

FRAZÃO, Elisiane Araújo dos Santos; LIMA, Veraluce da Silva. Análise da conversação no Brasil: os desdobramentos de um campo de formação multidisciplinar. **Entrepalavras**, Fortaleza, v. 7, p. 622-637, ago./dez. 2017.

Resumo: O presente trabalho pretende fazer uma incursão exploratória no cenário teórico em que brotaram as primeiras pesquisas que colocaram em relevo os estudos da língua falada para fins de conversação, bem como mostrar alguns caminhos por onde trilham essas pesquisas, dada a emergência da atual sociedade conectada. Dessa forma, explicitaremos as principais disciplinas, pesquisadores e perspectivas sob os quais se formou a Análise da Conversação, um campo de domínio multidisciplinar, que, segundo Kerbrat-Orecchioni (2006), tem sua unidade feita de postulados fundamentais e não de um conjunto unificado de proposições. Em seguida, com base em Leite e Negreiros (2014), apresentaremos alguns dos pressupostos teórico-metodológicos presentes nas duas vertentes em que se configura a Análise da Conversação aqui no Brasil. Por fim, discorreremos sobre os novos desdobramentos dos estudos da conversação face a face na era digital, pontuando algumas perspectivas que têm norteado as pesquisas desenvolvidas em solo brasileiro. É uma pesquisa de natureza qualitativa, de nível exploratório e descritivo, para a qual utilizamos o levantamento bibliográfico como técnica

de coleta de dados. Os resultados sugerem que a Análise da Conversação é um campo ainda extremamente produtivo, apesar do muito que já foi explorado.

Palavras-chave: Análise da Conversação. Conversação face a face. Interação digital.

Abstract: This paper aims to make an exploratory foray into the theoretical scenario in which sprouted early research that put in relief the studies of spoken language for conversation purposes, as well as showing some paths where tread this research given the emergence of the current connected society. Thus, we develop on the major disciplines, researchers and perspectives under which the Conversation Analysis was formed, a multi-disciplinary domain field, which according Kerbrat-Orecchioni (2006), has its unit made of fundamental postulates and not a unified set of propositions. Then, based on Leite and Negreiros (2014), we present some of the theoretical and methodological assumptions present in the two areas in which it sets the Conversation Analysis, in Brazil. Finally, we will discuss briefly about the new developments of the conversation studies face to the digital era, discussing some perspectives that have guided the research carried out on Brazilian soil. It is a qualitative research, exploratory and descriptive level and for which we use the literature as a data collection technique. The results suggest that Conversation Analysis is a still extremely productive field, although much has been explored.

Keywords: Conversation Analysis. Face to Face Conversation. Digital Interaction.

Introdução

A necessidade de comunicação é algo inerente à existência humana. Por essa razão, desde a formação das primeiras comunidades, perpassando todos os estágios de evolução da nossa espécie, muitos foram os meios inventados ou aprimorados para favorecer a interação entre os mais variados grupos sociais. A literatura mostra que a conversação, ou *a pedra sociológica fundamental da interação entre os homens*, nas palavras de Sacks, Schegloff e Jefferson (1974), já fez verter muita tinta entre estudiosos, oriundos de formações teóricas as mais diversas, mobilizando assim estudos sob diferentes propósitos e enquadres.

Os fios teórico-metodológicos que tecem esse campo de estudos provêm de teorias ou disciplinas distintas, como: Sociologia, Etnologia, Etnografia, Antropologia, Psicologia, Linguística e Sociolinguística. Isso traz certo grau de dificuldade quando se tenta mapear a sua origem. Nesse trabalho, sob a esteira de estudos de Kerbrat-Orecchioni (2006), delineamos, em um primeiro momento, o quadro que propiciou o surgimento de pesquisas sobre a interação e a comunicação, na qual se insere a Análise da Conversação. Com base em Leite e Negreiros (2014), explicitaremos as duas vertentes em que se configura, atualmente, a Análise da Conversação praticada no Brasil: Análise da Conversação

Etnometodológica e Análise da Conversação Textual e Discursiva. Em seguida, abrimos um parêntese, no qual inserimos uma perspectiva de estudos emergente com o advento das tecnologias digitais: a conversação na esfera digital. Nesse espaço, fazemos uma ponte entre as pesquisas desenvolvidas nessa seara e a pesquisa sobre a qual nos debruçamos atualmente: O Português escrito na *Web*: uma descrição dos marcadores conversacionais dos discursos. Nessa seção, lançamos uma contribuição para o debate em curso acerca do potencial conversacional de alguns aparatos tecnológicos tão presentes na atual sociedade conectada e também fazemos referência a algumas pesquisas empíricas ora desenvolvidas.

Tecendo os primeiros fios

A ênfase nas conversações constituiu-se em mais um ganho resultante da constatação da efetiva relação entre língua e sociedade. Kerbrat-Orecchioni (2006, p. 17-24) divide esse campo transdisciplinar em quatro grandes tipos de enfoque, que inauguram o estudo sistemático das interações verbais (enfoque psicológico e psiquiátrico, enfoque etnossociológico, abordagem linguística e abordagem filosófica). Esses enfoques demarcam as origens do que se pode chamar de Análise da Conversação (doravante AC).

A principal referência do enfoque psicológico e psiquiátrico é a Escola de Palo Alto (Califórnia – EUA), ou *Mental Research Institute*, também conhecida como *Invisible College*. Esses estudos tiveram uma importância fundamental, pois, desenvolvendo trabalhos de fundo terapêutico, estendem a explicação da patologia comportamental, cuja causa era atribuída apenas a problemas físicos e mentais, também a problemas comunicacionais.

Os enfoques etnossociológicos respondem pelo maior número de abordagens, e uma delas é a *etnografia da comunicação*. A partir dos estudos empreendidos pela Microsociologia e Análise da Conversação, Dell Hymes, americano de Oregon, linguista e antropólogo, lançou as bases da etnografia da fala, depois denominada etnografia da comunicação, postulando que saber falar vai além de produzir e interpretar um número infinito de frases bem formadas, pois consiste em possuir a “competência comunicativa” necessária para se comunicar de modo eficaz em situações culturalmente específicas.

A *etnometodologia* também é oriunda dos enfoques etnossociológicos cuja maior contribuição para os estudos da AC foi ter observado que as pessoas compartilham conhecimentos e práticas sociais e que somente com base no mundo compartilhado o sentido social é construído (etnométodo).

Apesar de ser uma vertente da etnometodologia, a AC erigiu-se gradativamente como domínio autônomo de pesquisa, sob o impulso de Harvey Sacks, Emanuel Schegloff e Gail Jefferson (1974), que propõem um modelo de análise do texto conversacional a partir do estudo da tomada ou troca de turnos. Marcuschi (1986), em seu trabalho inaugural da AC no Brasil, afirma que o princípio básico que norteou esse campo de estudos foi o fato de que “todos os aspectos da ação e interação social poderiam ser examinados e descritos em termos de organização estrutural convencionalizada ou institucionalizada pela sociedade” (MARCUSCHI, 1986, p. 6).

Impulsionada por investigações conduzidas em outros domínios, a Linguística amplia seu olhar para além do sistema abstrato que é a língua, dando prioridade à conversação natural, em detrimento de exemplos produzidos para a circunstância. Assim, os anos 80 foram marcados pelo empenho em trazer para o primeiro plano o estudo da oralidade, com base no contexto de produção.

O expoente do enfoque filosófico do diálogo é, de fato, F. Jacques, através de reflexões metateóricas como a “canônica do diálogo” e as “condições de possibilidade da comunicabilidade”, em geral, aplicáveis à descrição e tipologia dos diálogos.

Os desdobramentos da análise da conversação no Brasil

Em sua fase inicial, a AC ocupou-se da “descrição das estruturas da conversação e seus mecanismos organizadores [...]. Hoje, tende-se a observar outros aspectos envolvidos na atividade conversacional [...]” (MARCUSCHI, 1986, p. 6). Segundo Leite e Negreiros (2014), atualmente há um número considerável de pesquisas que, a partir de *corpora* gravados e criteriosamente transcritos, tomam a conversação e o texto oral como objeto de análise. Esses autores citam, como o *corpus* mais relevante, o coletado pelos pesquisadores do projeto NURC, na década de 70 do século XX, em cinco capitais brasileiras (São Paulo, Rio de Janeiro, Salvador, Recife e Porto Alegre). Assim, a AC no Brasil tomou dois rumos:

i) O que partiu de pressupostos da AC etnometodológica, mas que deles se afastaram para estudar a oralidade, a fala, a escrita, a relação fala e escrita, e tudo o que concerne ao texto e é decorrente de situações discursivas de fala, em relação direta, ou não, com a escrita; ii) a que é mais fiel aos princípios teóricos e metodológicos da AC fundada por Garfinkel na década de 1960, com as extensões oferecidas pelas teorias interacionistas (LEITE; NEGREIROS, 2014, p. 117).

Das perspectivas teóricas e metodológicas que ensejam esses dois rumos, nascem duas vertentes que configuram hoje a AC no Brasil, que Leite e Negreiros (2014) denominam de *Análise da Conversação Etnometodológica* e *Análise da Conversação Textual e Discursiva*.

Conforme as perspectivas inerentes à Etnometodologia, Garcez (2008), um dos pesquisadores dessa vertente, afirma que a *Análise da Conversação Etnometodológica*, (doravante ACE), está atrelada à observação minuciosa de dados de uso espontâneo da linguagem, valorizando assim a chamada perspectiva êmica, ou seja, partindo da visão dos participantes sobre as ações conforme eles demonstram uns para os outros, bem como a racionalidade dos agentes sociais evidenciadas em sua conduta.

O foco das pesquisas brasileiras nessa linha é a interpretação da relação da linguagem com o mundo, investigada com base na ação da fala sobre os atos sociais. “Dessa forma, a Análise da Conversa examina como os enunciados e outros comportamentos de um participante afetam o outro, de acordo com sequências organizadas na fala” (OSTERMANN; SOUSA, 2009, p. 1522 *apud* LEITE; NEGREIROS, 2014, p. 125).

Elencamos, a título de exemplo, com base em Garcez (2008, p. 22-34) alguns compromissos e pontos de interesse inscritos na agenda de pesquisa dessa vertente:

- Primordialidade da conversa cotidiana entre os sistemas de troca de falas e formas de uso da linguagem;
- Interpretação das ações dos participantes de cada evento interativo, uns perante os outros;
- Ação como unidade analítica e sequencialidade como constituinte central da ação;
- Desvalorização da explicação psicológica e do recurso analítico à intenção e pertencimento a categorias sociais *a priori*.

As questões tradicionais dessa linha de pesquisa, relacionadas a aspectos sociais, como gênero, raça, identidade, *status* social dos interactantes e os relacionados aos aspectos interacionais marcados linguisticamente, como organização da tomada de turnos, sequencialidade, preferências e adjacências, correções, reparos e outros são inerentes ao trabalho do analista e integram constantemente a pauta dos trabalhos.

Leite e Negreiros (2014) explicam que a chegada de Luiz Antônio Marcuschi da Alemanha em 1984 e então publicação do livro *Análise da Conversação* (MARCUSCHI, 1986) alavancou a *Análise da Conversação Textual e Discursiva no Brasil* (doravante ACTD), deslocando o foco de interesse dos pesquisadores para o estudo dos mecanismos linguísticos e paralinguísticos envolvidos na produção do texto falado.

Garcez (2008, p. 21) refere-se às pesquisas relacionadas aos processos interacionais como “AC Brasileira”, dadas as especificidades desse domínio em relação à proposta originária dos EUA. Dessa forma, Leite e Negreiros (2014) caracterizam essa “AC Brasileira” em três pontos específicos:

- a) Trata-se de pesquisas interdisciplinares, com fundamento nos princípios da AC norte-americana, combinados com princípios teóricos da Linguística de Texto, da Sociolinguística, da Sociolinguística Interacional, da Análise do Discurso e da Semiótica; b) são pesquisas desenvolvidas a partir de textos orais, ou de textos orais e escritos, comparativamente, para explicitar e explicar a relação inerente existente entre aqueles e esses; c) os estudos têm em comum o desvelamento de aspectos sociointeracionais próprios do discurso e que se mostram no texto (LEITE; NEGREIROS, 2014, p. 118-119).

Os trabalhos que integram a pauta do Projeto NURC/SP – Núcleo USP são ilustrativos da ACTD. Entre as pesquisas desenvolvidas, destacam-se o trabalho organizado por Preti e Urbano (1990), que foca aspectos organizadores da conversação, como o turno conversacional, a correção, a reparação e a sobreposição de vozes; Preti (1993), que põe a lupa nos aspectos organizacionais, linguísticos e paralinguísticos, como os marcadores, o léxico e a sintaxe da língua falada, além de especificidades do processo interacional.

A partir de pesquisas teóricas heterogêneas e multidisciplinares, desenvolvem estudos não apenas do texto falado, mas do processo global da oralidade, a exemplo de trabalhos relacionados ao uso da gíria, neologismos e preservação de face no texto conversacional, estratégias discursivas de compreensão (estudos sobre digressões e anáforas),

processos interacionais em diferentes textos (orais ou escritos), bem como diálogos em diferentes tipos de discursos (midiáticos, pedagógicos, científicos, televisivos, artístico-literários), para citar alguns. Com base no *corpus* gravado e transcrito pelos investigadores do Projeto NURC-SP e NURC Recife, Rio de Janeiro, Salvador e, mais recentemente, de Porto Alegre, também se destacam, no campo da ACTD, os trabalhos publicados na coleção *Gramática do Português Falado*.

Com vistas a fomentar mais exploração dessa área que continua a ser tão promissora, Leite e Negreiros (2014) sugerem ajustar a lupa mais detidamente em temas que estão diretamente relacionados com a interação, tais como:

- (a) Gêneros e tipos de textos da língua falada.
 - (b) Formalidade e informalidade na fala e na escrita.
 - (c) Tradição e inovação dos e nos gêneros discursivos.
 - (d) Interação eletrônica: oralidade e escrita.
- (LEITE; NEGREIROS, 2014, p. 123).

Ratificamos, aqui, nossa opinião favorável a pesquisas que abarquem as temáticas supracitadas. No entanto, cumpre-nos explicitar, nesse trabalho, alguns desdobramentos da temática “Interação eletrônica: oralidade e escrita”. Isto porque, com o advento das ferramentas digitais, a conversação, ou seja, “a primeira das formas de linguagem a que estamos expostos e provavelmente a única da qual nunca abdicamos pela vida afora”, como constata lucidamente Marcuschi (1986, p. 14), tem ganhado novas feições. Não temos aqui a pretensão de oferecer um quadro sumário do desenvolvimento dos estudos nesse campo, mas apontar algumas tendências que têm sido correntes entre os estudiosos que têm se aventurado por esses domínios, ainda recentes, mas que vêm ampliando cada vez mais o *status* de relevância.

Interação eletrônica: uma visão panorâmica das pesquisas no Brasil

Com o advento da Web 2.0, a conversação recebeu uma nova “formatação”, razão pela qual a “execução numa identidade temporal”, postulada por Marcuschi (1986, p. 15), na fase inicial da AC no Brasil, não é mais condição necessária para a interação. Isto porque a função assíncrona permitida pelas mídias digitais propicia um alargamento espaço-temporal que permite o acesso e continuidade da conversação em

outro “espaço e tempo”, migrando, inclusive, para outras ferramentas, dada a possibilidade de compartilhamentos.

Na obra *Hipertexto e gêneros digitais* (2004), em coautoria com Antônio Carlos Xavier, Marcuschi escreve um capítulo intitulado *Hipertexto e gêneros digitais*, no qual reconhece que um novo meio tecnológico, à medida que interfere nas condições de produção, deve também interferir na natureza do gênero produzido, que resulta em “transposições” de outros como suas contrapartes prévias. O autor também observa que o advento da internet propicia uma nova noção de interação social, uma vez que emergem novas formas de administrar os relacionamentos interpessoais nesse novo enquadre participativo, pois o meio eletrônico permite usos sociais, culturais e comunicativos, os quais não se configuram nas relações interpessoais face a face. Marcuschi (2004) pondera que:

Se nos dedicamos a uma análise de detalhe dos gêneros emergentes na mídia eletrônica em geral (telefonia, rádio, televisão e internet), veremos que algumas das ideias a respeito da interação verbal deverão ser revistas. Por exemplo, a presença física não caracteriza a interação convencional em si, mas sim determinados gêneros, tais como os que se dão nos encontros face a face. De igual modo, a produção oral não é necessária, mas apenas suficiente para determinar a interação verbal síncrona, pois é possível uma interação síncrona, pessoal e direta pela escrita transmitida à distância, o que já era em parte possível pela comunicação pelo telégrafo e pelo código morse. Mas no caso atual há uma série de novidades que não apenas simulam, mas realizam efetivamente a interação (MARCUSCHI, 2004, p. 30).

Redes sociais de relacionamentos, por exemplo, conectam pessoas dos pontos mais remotos do planeta, maximizando o alcance das interações, que rompem os limites do face a face para alcançarem também o espaço virtual. Para Crystal (2001), o impacto da internet é menor como revolução tecnológica do que como revolução dos modos sociais de interagir linguisticamente. David Crystal, em entrevista concedida a Shepherd e Saliés (2013) sugere, ainda, uma Linguística da Internet como aparato teórico necessário para estudos nessa seara:

Precisamos entender como a linguagem mediada pelo meio digital funciona, como explorar pontos fortes e como evitar os perigos, e é neste aspecto que a Linguística da Internet, ora em desenvolvimento, pode ter uma contribuição significativa (SHEPHERD; SALIÉS, 2013, p. 29).

Noutros termos, vislumbra-se aí mais uma teoria a compor esse campo multidisciplinar em que se traduz a Análise da Conversação. Raquel Recuero, da Universidade Católica de Pelotas e pesquisadora da área dos processos e práticas sociais na mediação digital, está entre o número crescente de estudiosos que entendem ser necessário “compreender a conversação também de uma perspectiva ampla e, especialmente, a sua inclusão diante das discussões sobre a Cibercultura no Brasil” (RECUERO, 2008, p. 1).

Recuero (2008) faz uma releitura dos princípios da Análise da Conversação e explica que a interação estabelecida na web

[...] tem sido estudada principalmente em sua forma síncrona e nos diversos mecanismos através dos quais adquire contornos oralizados (Marcuschi, 2004; Oliveira, 2006; Carlos, 2008; Costa, 2008). No entanto, a conversação síncrona não é a única forma de conversação permitida pelos mecanismos da Comunicação Mediada pelo Computador (CMC) (RECUERO, 2008, p. 1).

Ancorada em Teorias da Pragmática Linguística, como a Sociolinguística Interacional e a Análise da Conversação, Recuero (2014), em *A conversação em rede: conversação mediada pelo computador e redes sociais na internet*, sublinha que essas conversações não são determinadas pela existência desses novos meios, mas são resultantes de uma apropriação de um sistema técnico para uma prática social, cujo dinamismo dificulta o enquadre em um único foco e em uma única perspectiva. A autora pontua também que:

As conversações que acontecem no Twitter, no Orkut, no Facebook e em outras ferramentas com características semelhantes são muito mais públicas, mais permanentes e rastreáveis do que outras. Essas características e sua apropriação são capazes de delinear redes, trazer informações sobre sentimentos coletivos, tendências, interesses e intenções de grandes grupos de pessoas. São essas conversas públicas que hoje influenciam a cultura, constroem fenômenos e espalham informações e memes, debatem e organizam protestos, criticam e acompanham ações políticas e públicas. É nessa conversação em rede que nossa cultura está sendo reconstruída (RECUERO, 2012, p. 17-18).

Primo (2007) enfatiza que é preciso compreender a interação mediada pelo computador como um processo criativo e propõe dois tipos: a interação mútua e a interação reativa, em que discute o uso de interfaces, passando pela interação com robôs de inteligência artificial, explicitando os processos de negociação de diferenças em conversação *online*.

Oliveira (2013), em pesquisa relacionada ao potencial conversacional dos blogs, constata que

Apesar de os comentários serem publicados de maneira escrita e via internet, eles apresentam, em alguns momentos, marcas típicas de conversações genuínas, como marcadores conversacionais que organizam a fala e facilitam a 'costura das interações', funcionando como 'colas' ou links entre mensagens que se encontram dispersas no espaço de comentários. Há ainda a tentativa de reproduzir, através da escrita, elementos paralinguísticos que sugerem risos, hesitações, entonações, altura da voz, reações, o que mostra, talvez, uma tentativa de humanizar as relações no meio virtual e também de complementar a mensagem verbal, aproximando a interação *online* da conversação tradicional (OLIVEIRA, 2003, p. 177-178).

Demétrio e Costa (2013), em artigo intitulado *Oralidade e escrita: o hibridismo no Twitter*, discutem como as estratégias discursivas adotadas na negociação dos sentidos estabelecida entre os locutores no Twitter aproximam esse gênero escrito de gêneros prototípicos orais, como a conversação face a face, concluindo que ele acomoda formas de comunicação híbridas que desafiam a visão dicotômica a respeito das modalidades da língua.

Muitas pesquisas têm mostrado que a conversação *online* se faz predominantemente pela escrita, mas é uma escrita oralizada. Sobre essa conversação, Hilgert (2000) afirma que

Apesar de escrita, [...] a conversação na INT é concebida como fala, por ser essencial e intensamente dialogal, desenvolvendo-se por meio da alternância de turnos. É precisamente este caráter que lhe dá o nome de conversação, bate-papo, papo, chat, só não a confundindo com um texto falado prototípico, por não ter realização fônica (HILGERT, 2000, p. 8).

Na pesquisa que conduzimos, atualmente, acerca dos marcadores conversacionais em uso na *Web*, partimos da hipótese de que, nas redes sociais, enquanto espaços contemporâneos de interação virtual, há a presença de marcadores conversacionais que colaboram na manutenção da coerência e aceitabilidade dos discursos realizados, organizam a troca de turnos, assim como atenuam a ausência física dos interactantes. Algo bem parecido com as interações face a face, só que alargando as possibilidades comunicativas desse novo meio, o que explica o sucesso da atividade conversacional empreendida em interfaces tecnológicas como o Facebook, nosso lócus de pesquisa.

Através da figura abaixo, resultante dos primeiros dados coletados, ilustramos a forma como os marcadores conversacionais têm se manifestado:

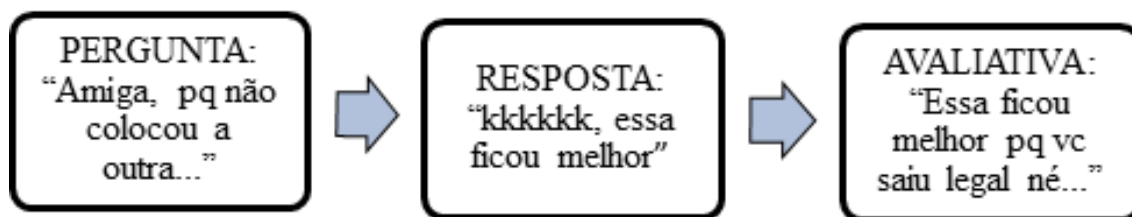
Figura 1 – Postagem feita no perfil de usuário



Fonte: www.Facebook.com

Os comentários que construíram essa conversação foram feitos por dois interactantes, cujas fotos foram substituídas por um S acompanhado de um número cardinal. Ao sujeito autor da postagem, acrescentamos também a letra A após o número cardinal, conforme mostra o *print screen* representado na Figura 1. Essa codificação foi utilizada com vistas a proteger a identidade dos sujeitos e facilitar a análise dos aspectos estruturais enfocados.

O contexto da conversa analisada é construído pela postagem de uma foto, feita por uma jovem, no próprio perfil e na qual aparece com alguns amigos. O tópico da conversa é, portanto, essa foto, a qual engendrará comentários opinativos acerca da aparência de uma das jovens exibidas na postagem, constituindo a sequência da conversação, que gira em torno do par adjacente pergunta-resposta. Esse par adjacente pode gerar, e nesse caso específico gerou, uma terceira intervenção, que Kerbrat-Orechioni (2006) chama de “avaliativa”, vejamos:



Nesse recorte, os marcadores conversacionais operam como organizadores da interação, articuladores do texto e indicadores de força ilocutória (MARCUSCHI, 1989). Dentre os marcadores verbais, estão os lexicalizados (**amiga e né**). A expressão **amiga** é um vocativo empregado para invocar o interagente S1A, direcionando a fala e atribuindo à proposição um grau de maior proximidade afetiva. A expressão **né**, forma reduzida de **não é**, funciona no texto como um elemento fático, pois tem o objetivo de estabelecer o contato de S2 com S1A, além de atribuir a essa conversação escrita um caráter coloquial, algo bem característico da comunicação face a face. A opção pela forma linguística **né** em detrimento da forma padrão **não é** faz com que essa escrita ganhe dimensões da oralidade, afastando-se cada vez mais do padrão escrito da língua, corroborando a perspectiva de *continuum* defendida por Marcuschi (2007), o qual defende que não devemos focar diferenças e semelhanças linguísticas de textos escritos e falados fora de seu uso em práticas sociais de produção textual.

Destacamos, também, os marcadores verbais não-lexicalizados **kkkkkk** e **aaffsss**: o primeiro tem a função de reproduzir o som de risos; enquanto o segundo, um neologismo que tem se tornado muito corrente nas redes sociais, tenta reproduzir graficamente nesse ato de fala algo próximo de um suspiro de irritação. Esses recursos não lexicalizados podem ser também reconhecidos como onomatopeias, pois tentam fazer uma imitação de um som específico, sendo a transposição na língua articulada humana de gritos e ruídos inarticulados, conforme Martins (2002).

Há também a presença de marcador não verbal, por meio do uso de um *emoticon* representando uma atitude de desaprovação e descontentamento. Como símbolos usados para expressar emoções, os chamados *emoticons* constituem-se em marcadores conversacionais paralinguísticos estratégicos para traduzir os sentimentos ou emoções

de quem escreve. Esse tipo de marcador conversacional tem sido muito recorrente na escrita digital, constituindo-se uma tentativa de romper o impasse da não presença física.

Configuram-se, ainda, os marcadores suprasegmentais, dando conta da prosódia textual e aqui representados pelo uso de reticências, uma apropriação que tem sido muito produtiva entre os internautas para marcar pausas. Nesse caso específico, as duas primeiras ocorrências indicam uma pausa entoacional sugestiva de lamento, ao passo que, na terceira ocorrência, têm a função de encerrar o turno e denota um tom levemente irônico.

A forma como flui essa conversação vai ao encontro da definição de Marcuschi (1986, p. 15), para quem a conversação é “uma interação verbal centrada que se desenvolve durante o tempo em que dois ou mais interlocutores voltam sua atenção visual e cognitiva para uma tarefa comum”. A figura 1 ilustra o fato de que os marcadores conversacionais, em uso na interação digital, costumam ser reformatados pelo contexto de produção e submetidos a apropriações em decorrência das potencialidades e limitações da ferramenta mediadora da conversação. Tal fato tem sido muito recorrente em pesquisas que investigam o binômio linguagem-tecnologia, a exemplo das que mencionamos ao longo desse trabalho.

Considerações finais

Diante do exposto, observamos que a Análise da Conversação no Brasil tem, ao longo dos anos e sob o primado do empírico, lançado novas luzes sobre as reflexões seminais desenvolvidas pela tradição da Análise da Conversação dos EUA. É o que ilustram as duas vertentes em que se dividiu esse campo de estudos e as diferentes perspectivas por meio das quais se tem investigado a conversação: *o gênero básico da interação humana* (MARCUSCHI, 1986).

Investigando as ações sociais inerentes à linguagem durante um evento comunicativo, posto que a pesquisa linguística não é sua órbita de interesse, a ACE segue de perto os princípios da AC originária, alinhando-se a teorias interacionistas, buscando, principalmente, compreender como os falantes agem uns sobre os outros, revelando um perfil de sociedade a partir do estudo de suas práticas discursivas.

De disciplina que se preocupava em descrever a organização estrutural das conversações, a Análise da Conversação começou a

ampliar o foco também para a compreensão dos processos cooperativos envolvidos na dinâmica conversacional, mapeando aspectos não apenas linguísticos, mas também discursivos envolvidos no aspecto global da oralidade, como atestam as pesquisas desenvolvidas pela ACTD.

A dinamicidade da língua e as inovações tecnológicas motivam constantes atualizações teórico-metodológicas que deem conta de responder às necessidades e formas de comunicação que se colocam, a exemplo da emergente interação digital, na qual, segundo Recuero (2012), as conversações têm novos formatos e são constantemente adaptadas e negociadas para acontecer dentro das limitações, possibilidades e características das ferramentas.

Nessa nova dinâmica conversacional, configura-se a plasticidade da língua viva e dinâmica, que segue seu curso evolutivo natural

[...] ou, dizendo de outro modo, as pressões sociais estão operando continuamente sobre a língua, não de algum ponto remoto no passado, mas como uma força social imanente agindo no presente vivo (LABOV, 2008, p. 21).

A nosso ver, isso representa, portanto, um apelo premente à comunidade científica, no sentido de colocar, na atual agenda de pesquisas, discussões acerca dessa forma igualmente legítima de interação à disposição dos interactantes da era digital.

Referências

BARTON, David; LEE, Carmen. **Linguagem online**: textos e práticas digitais. Tradução de Milton Camargo Mota. São Paulo: Parábola Editorial, 2015.

CARVALHO, Nelly; KRAMER, Rita. A linguagem no facebook. In: SHEPHERD, Tania G.; SALIÉS, Tânia G. (Org.). **Linguística da Internet**. São Paulo: Contexto, 2013. p. 77-92.

CRYSTAL, David. **Language and Internet**. Cambridge: Cambridge University Press, 2001.

DEMÉTRIO, Alana Kercia Barros; COSTA, Maria Helenice Araújo. **Oralidade e escrita**: o hibridismo no Twitter. Disponível em: www.entrepalavras.ufc.br/revista/index.php/Revista/. Acesso em: 10/09/2016.

GARCEZ, P. M. A perspectiva da análise da conversa etnometodológica sobre o uso da linguagem em interação social. In: LODER, L. L.; JUNG, N. M. (Orgs.). **Fala-em-interação social**: introdução à análise da conversa etnometodológica. Campinas: Mercado de Letras, 2008. p. 17-38.

KERBRAT-ORECCHIONI, Catherine. **Análise da Conversação**: Princípios e métodos. São Paulo: Parábola Editorial, 2006.

LABOV, William. **Padrões sociolinguísticos**. Tradução de Marcos Bagno, Maria Marta Pereira Scherre, Caroline Rodrigues Cardoso. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.

LEITE *et al.* A Análise da Conversação no Grupo de Trabalho Linguística do Texto e Análise da Conversação da Associação Nacional de Pós-Graduação em Letras e Linguística. In: BENTES, A. C.; LEITE, M. Q. (Orgs.). **Linguística de texto e análise da conversação**. São Paulo: Cortez, 2010.

LEITE, Marli Quadros; NEGREIROS, Gil. Análise da Conversação no Brasil: rumos e perspectivas. In: GONÇALVES, Adair Vieira; GÓIS, Marcos Lúcio de Sousa (Orgs.). **Ciências da linguagem: o fazer científico**. 1. ed. v.1. Campinas-SP: Mercado de Letras, 2014. p. 105-135.

MARCUSCHI, Luís Antônio. **Análise da Conversação**. São Paulo, Editora Ática, 1986.

_____. Marcadores conversacionais no português brasileiro: formas posições e funções. In: CASTILHO, A. T. (Org.). **Português falado culto no Brasil**. Campinas: Ed. da UNICAMP, 1989.

_____. Gêneros textuais emergentes no contexto da tecnologia digital In: MARCUSCHI, Luís Antônio; XAVIER, Antônio Carlos dos Santos. **Hipertexto e gêneros digitais: novas formas de construção do sentido**. Rio de Janeiro: Lucerna, 2004. p. 13-67.

_____. **Da fala para a escrita: atividades de retextualização**. 7. ed. São Paulo: Cortez, 2007.

MARTINS, Nilce Sant'anna. **Introdução à estilística**. L.A. Queiroz: Editor, 2002.

OLIVEIRA, Márcia Regina de. Interações na blogosfera. In: SHEPHERD, Tania G.; SALIÉS, Tânia G. (Org.). **Linguística da Internet**. São Paulo: Contexto, 2013. p. 157-179.

PRIMO, A. **A Interação Mediada por Computador: comunicação, cibercultura e cognição**. Porto Alegre: Sulina, 2007.

RAJAGOPALAN, Kanavillil. Como o internetês desafia a linguística. In: SHEPHERD, Tania G.; SALIÉS, Tânia G. (Org.). **Linguística da Internet**. São Paulo, Contexto, 2013. p. 37-53.

RECUERO, Raquel. **Elementos para análise da conversação**. Revista Verso e Reverso, v.22, n.51, 2008. Disponível em: <http://revistas.unisinos.br/index.php/versoereverso/article/view/6995/3976>. Acesso em 04/04/2015.

_____. **A conversação em rede: comunicação mediada por computador e redes sociais na Internet**. Porto Alegre: Sulina, 2014.

SACKS, H.; SCHEGLOFF, E.; JEFFERSON, G. **A Simplest Systematics for the Organization of Turn Taking for Conversation**. Traduzido por Maria Clara Castellões de Oliveira e Paulo Cortes Gago, 1974. Disponível em <<http://www.ufjf.br/revistaveredas/files/2009/12/artigo14.pdf>>. Acesso em 05/07/2016.

SHEPHERD, Tania G.; SALIÉS, Tânia G. O princípio: entrevista com David Crystal. In: _____; _____. (Orgs.). **Linguística da Internet**. São Paulo: Contexto, 2013. p. 17-35.

Recebido em: 17 de fev. de 2017.

Aceito em: 2 de nov. de 2017.